CULTURA, ARTE E FORMAÇÃO DOCENTE: EXPERIÊNCIAS DE NUTRIÇÃO ESTÉTICA NO CURSO NORMAL

Graziela Ferreira de Mello UFF/FIAR  
Isabelle Ribeiro Coutinho URFJ/PPGAV

O trabalho que apresentamos resulta da experiência desenvolvida como professoras  do Ensino Médio-Curso Normal, na cidade de São Gonçalo/RJ, a qual toma por base a imprescindível necessidade de ampliar o repertório visual dos estudantes, como direito à cultura e como elemento de formação de sua sensibilidade estética. Haja vista que os estudantes-professores em formação vão atuar com as infâncias, os princípios éticos, políticos e estéticos oriundos das Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação Infantil (Brasil, 2009), sustentam  a proposta de nutrição estética (Martins; Americano, 2018), como um processo constante, contínuo e essencial para a prática pedagógica. Na perspectiva de contribuir com esse processo, nas disciplinas que ministramos (Culturarte e Ateliê Pedagógico), propomos momentos de nutrição estética, num tempo-espaço de alargar sentidos, de pensar-fazer, tanto dos estudantes como nossos, no contexto de uma relação dialógica.

Palavras-chave: formação docente, formação estética, repertório visual

Somos professoras no Ensino Médio, na modalidade Curso Normal, em São Gonçalo, cidade da região metropolitana do Rio de Janeiro. Ao ministrarmos as disciplinas Culturarte e Ateliê Pedagógico, na interação com os jovens estudantes, a cidade e o próprio currículo do curso de formação de professores, localizamos pouco espaço para a arte, a cultura e, em decorrência, para a formação estética. Aos poucos compreendemos que era imprescindível cultivar espaços para a ampliação do repertório visual dos nossos estudantes, visando contribuir para a formação de sua sensibilidade estética.  Ao refletirmos sobre a cultura da cidade, percebemos uma significativa carência de equipamentos culturais, pois a oferta de teatros, museus, galerias de arte e outros espaços de expressão artística é bastante limitada. Além disso, os raros espaços culturais existentes são pouco divulgados, quase desconhecidos, o que dificulta ainda mais o acesso da população à arte e à cultura. Essa realidade impacta diretamente a formação estética dos estudantes, uma vez que a exposição frequente a manifestações culturais diversas é essencial para a formação humana de um modo geral, para o refinamento dos sentidos, na perspectiva do desenvolvimento de um olhar-pensar sensível e crítico. Sem acesso a uma variedade de expressões artísticas, os estudantes acabam por ter um repertório cultural reduzido, o que pode limitar suas percepções e experiências.

No trabalho que aqui apresentamos, narramos nossas vivências como professoras formadoras, cientes de que estamos também em contínuo processo de formação, tomamos como fundamento o aporte teórico-metodológico das abordagens (auto)biográficas e narrativas (Passeggi, 2010; Josso, 2001; Delory-Momberger, 2012, entre outros). Nesta perspectiva, (re)colhemos materiais produzidos nos encontros realizados nas aulas de Culturarte e Ateliê Pedagógico, os quais dizem de processos, contam histórias, revelam modos de ser e estar com a arte, a educação, a docência, e por isso são narrativas dadas à interpretação.

Ao refletirmos sobre nossas práticas como professoras formadoras, partimos das Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação Infantil (DCNEI), que orienta a prática pedagógica na Educação Infantil, definindo três princípios-guias a serem respeitados:

Éticos: da autonomia, da responsabilidade, da solidariedade e do respeito ao bem comum, ao meio ambiente e às diferentes culturas, identidades e singularidades; Políticos: dos direitos de cidadania, do exercício da criticidade e do respeito à ordem democrática; Estéticos: da sensibilidade, da criatividade, da ludicidade e da liberdade de expressão nas diferentes manifestações artísticas e culturais. (BRASIL, 2009)

Desde as referidas diretrizes e a produção teórica da área (Leite, 2008; Ostetto, 2011;  Mello, 2021), compreende-se que a formação é um processo constante, contínuo e fundamental para uma prática pedagógica ética, política e esteticamente comprometida com as crianças e suas aprendizagens. Dos princípios elencados, destacamos o princípio estético e, nesta direção, compreendemos que o professor que atuará com crianças precisa cultivar suas linguagens, enriquecer seus repertórios sensíveis no encontro com a arte e as manifestações culturais, o que contribuirá para ampliar olhares  e, por sua vez, a compreender a multiplicidade de linguagens das crianças, seus modos de ser, conhecer e expressar o mundo. Em outras palavras: é essencial nutrir-se esteticamente com frequência.

Deste lugar, a formação de futuros professores de educação infantil, realizamos momentos de “nutrição estética”, na perspectiva trazida por Martins e Americano (2018): tudo começa com a proposta de cada estudante se responsabilizar por trazer algo, relacionado à arte, presente nos seus cotidiano, para compartilhar com a turma. Pode ser uma música, uma fotografia, uma pintura, um poema ou qualquer manifestação artística que os tenha tocado ou inspirado de alguma forma.  Na nossa experiência, esse momento tem revelado gratas surpresas, não só pela diversidade de expressões artísticas que são trazidas, mas também pela oportunidade de diálogo e troca de experiências em torno da partilha. Ao compartilhar algo que é significativo para eles, os estudantes não apenas ampliam o repertório estético de seus colegas, mas também desenvolvem uma sensibilidade maior em relação ao valor da arte no cotidiano.

A proposta tem continuidade a partir da concepção de formação estética fomentada no contato direto com a arte, mas também que se dá em outros contextos, como na relação com espaços de natureza e diferentes locais da cidade. Como nossa contribuição, realizamos visitas pedagógicas,  fora dos muros da escola, que são essenciais para a sensibilização e o aprendizado estético. Essas atividades envolvem desafios logísticos, como atravessar a cidade de São Gonçalo, passar por Niterói a fim de levar os alunos para o Rio de Janeiro, onde se concentram os principais museus e centros culturais do estado. Depois da vivência com elementos do cotidiano, esses momentos são imprescindíveis para proporcionar aos estudantes o contato com exposições de enorme prestígio e importância  visando a  ampliação de seu repertório visual uma vez que

É como se cada pessoa fosse gerando um "repertório" individual, um conjunto de valores, conceitos, idéias, sentimentos e emoções que vão tecendo uma rede de significações para si. Nessa rede, mesmo sem se dar conta, estão os fios da filosofia, ética, estética, ideologia, política e cultura presentes na pessoa e no grupo ao qual pertence. No contato com qualquer objeto, pessoa, conceito ou obra de arte, mesmo que inconscientemente, as experiências passadas geram relações. (Martins; Picosque; Guerra, 1998, p. 21).

As autoras completam dizendo:

Portanto, as referências pessoais, fundadas nas experiências individuais, e as referências culturais, nascidas no convívio com a cultura de seu entorno, direcionam o poetizar/fruir/conhecer arte, levando-nos a fabricar sentidos, significações que atribuímos ao que estamos observando Quanto mais referências tivermos, maiores e diferentes as possibilidades e perspectivas para análises e interpretações. (Martins, Picosque e Guerra, 1998, p. 22)

As visitas ao Centro Cultural Banco do Brasil (CCBB) e ao Museu de Arte do Rio (MAR) são exemplos dessas visitas pedagógicas que realizamos, como parte dos nossos objetivos de instigá-los a ler uma obra de arte em sua amplitude, contribuir com a ampliação de seus repertórios, mostrando também a importância de frequentar esses espaços  como direito que têm à cultura e como oportunidade de formação enquanto sujeitos pensantes e críticos faz.

A comunicação entre as pessoas e as leituras do mundo não se dão apenas por meio da palavra. Muito do que sabemos sobre o pensamento e o sentimento das mais diversas pessoas, povos, países, épocas são conhecimentos que obtivemos única e exclusivamente por meio de suas músicas, teatro, poesia, pintura, dança, cinema, etc Como entender tais linguagens? (Martins; Picosque; Guerra, 1998, p.14).

Esses exercícios são especialmente importantes, considerando que estamos trabalhando com adolescentes que serão futuros professores de educação infantil. A formação estética, o cultivo da sensibilidade artístico-cultural desses futuros educadores, é crucial, pois eles levarão esse conhecimento, que é sensível e cognitivo, para suas vidas e práticas pedagógicas. Entendendo que a formação é um processo constante, contínuo e fundamental para a prática pedagógica, percebemos que os momentos de nutrição estética expandem e alimentam a percepção da arte e da cultura em diferentes manifestações e linguagens, em tempos e lugares muito diversos (Martins; Americano, 2018, p.3); nesta direção, propiciam a formação tanto dos estudantes quanto nossa, enquanto educadoras que partilham seus saberes e fazeres específicos da área de atuação. Vamos nos formando ao formar, na vivência de uma relação dialógica. Pois, ao criar esses espaços de nutrição estética e proporcionar experiências dentro e fora do ambiente escolar, entendemos que estamos não apenas enriquecendo a formação dos estudantes, mas também contribuindo para a nossa própria formação como educadoras em uma relação dialógica como nos diz Freire (1987).

Referências:

BRASIL. **Resolução CNE/CEB Nº 5, de 17 de dezembro de 2009,** estabelece as Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação Infantil.

DELORY-MOMBERGER, Christine. **Abordagens metodológicas na pesquisa biográfica**, Revista Brasileira de Educação, v. 17, n. 51, set.-dez. 2012.

DOMINICÉ, Pierre. O que a vida lhes ensinou. In: NÓVOA, António; FINGER, Matthias (Orgs.) **O método (auto)biográfico e a formação.** Lisboa: Ministério da Saúde, Depart. de Recursos Humanos da Saúde/Centro de Formação e Aperfeiçoamento Profissional, 1988. p.131-153.

JOSSO, Marie-Christine. **Experiências de vida e formação**. Educa formação, 2001.

LEITE, Maria Isabel. Experiência estética e formação cultural: rediscutindo o papel da cidade e de seus equipamentos culturais. In: MAKOWIECKY, Sandra; OLIVEIRA, Sandra Regina Ramalho e (Orgs.).  **Ensaios em torno da arte.** Chapecó: Argos, 2008. p.55-74.

MARTINS, M.; C.; PICOSQUE, G.; GUERRA, M.; T. **Didática do ensino da arte:** a língua do mundo: Poetizar, fruir e conhecer arte. São Paulo: FTD, 1998.

MARTINS, Mirian Celeste; AMERICANO Renata Queiroz de Moraes. Nutrição estética: por uma didática poética na formação do professor. XXVII Congresso Nacional Da Federação De Arte Educadores Do Brasil/ VI Congresso Internacional Da Federação De Arte/Educadores. Brasília, 2018.

MELLO, G. **No álbum da memória:** A cidade, a infância de professoras e a formação estética. Dissertação de mestrado (Programa de Pós-Graduação em Educação) - Universidade Federal Fluminense, Niterói, 2021. Disponível em:<https://app.uff.br/riuff/handle/1/23774>

OSTETTO, Luciana E. Educação infantil e arte: sentidos e práticas possíveis. *Cadernos de Formação da UNIVESP***.** São Paulo: Cultura Acadêmica. 2011. p.27-39. Disponível em:  <<http://www.acervodigital.unesp.br/bitstream/123456789/320/1/01d14t01.pdf>

PASSEGGI, Maria da Conceição. Narrar é humano! Autobiografar é um processo civilizatório. In:  PASSEGGI, Maria da Conceição; SILVA, Vivian Batista da (orgs.). **Invenções de vida, compreensão de itinerários e alternativas de formação**, São Paulo: Cultura Acadêmica, 2010.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia do Oprimido**. 17 ed. Rio de Janeiro, Paz e Terra, 1987.